

# Megalópolis

1973

Roteiro: Bertha Becker  
Produção: Max Lopes Chaves  
Narração: Paulo Cesar Pereio  
Arte: Regis Monteiro  
Imagem: Luiz Carlos Saldanha  
Edição: Nelio Melli  
Direção: Leon Hirszman

Produção Executiva: Terra Filmes, Supervisão da Equipe Técnica do Departamento do Filme Educativo

Megalópolis. Cidade grega assim denominada porque incorporou cerca de quarenta cidades em 370 a.C.. A Roma Imperial também foi assim chamada pelo domínio que exerceu no mundo antigo.

Megalópolis. Gigantesca aglomeração urbana polinucleada em que várias metrópoles se integram num único organismo. Concentração espacial de um processo de desenvolvimento em grande escala.

O termo é hoje aplicado à aglomeração urbana da fachada costeira do nordeste dos Estados Unidos que inclui: Boston, Filadélfia, Nova York, Baltimore e Washington. Com uma extensão urbana quase sem solução de continuidade, numa faixa de 800 quilômetros de comprimento, e cerca de 150 quilômetros de largura, 40 milhões de habitantes e 10% do poderio industrial do mundo, a megalópolis constitui a área vital da economia americana.



Para muitos, uma megalópole tropical estaria em formação no sudeste do Brasil, resultante de uma futura fusão das duas metrópoles nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro, e ainda e expansão da área urbanizada até Santos e Campinas.

Esta hipótese é favorecida pela concentração de 69% da produção industrial do país nestas áreas, aonde vivem 20% da população brasileira. O poder de comando que as duas metrópoles detém sobre a economia nacional fortalece a imagem de um provável futura megalópole.

A vigorosa expansão de São Paulo, cuja área metropolitana incorpora hoje mais de 30 municípios, aliada à expansão do Grande Rio, que se estende pelos municípios do Estado do Rio em torno da Guanabara e Niterói, impulsiona o corredor de desenvolvimento no Vale do Paraíba, principal eixo de circulação entre as duas cidades.

Por aí avança a influência de ambas. Volta Redonda e Barra Mansa já são uma mesma continuidade urbana. No entanto, não se pode afirmar que exista uma megalópole em formação no Brasil, mas sim um extraordinário crescimento metropolitano.



De 1950 a 1970, a população do Grande São Paulo cresceu três vezes, e a do Grande Rio, duas. Mantendo-se o atual ritmo de crescimento, em 1984, o Grande São Paulo será a metrópole mais populosa do mundo.

O crescimento das metrópoles depende, em grande parte, de suas relações com as regiões exteriores a elas; para atender às necessidades de um mercado de grande capacidade de consumo, as cidades estimulam e organizam a produção na periferia, bem como os fluxos que para ela convergem para supri-las em alimentos, matérias-primas e mão-de-obra.



A função de centro de convergência das vias de circulação e meios de comunicação é vital para materializar as relações de complementaridade existentes entre as metrópoles e as áreas sob sua influência.

Congregando populações das mais diversas origens, nacionais e estrangeiras, com interesses variados, e engajadas em uma infinidade de atividades diferentes, nossas duas metrópoles apresentam forte heterogeneidade social. Criam-se, portanto, condições para a ampla troca de informações, que conferem à metrópole alta propensão a inovações. Novos sistemas de abastecimento tornam-se necessários para atender a crescente massa de consumidores.

A capacidade de gerar inovações confere às metrópoles poder de decisão e comando sobre as regiões periféricas, para onde difundem, gradativamente, as inovações nela geradas, integrando a periferia no sistema de valores urbano.

A magnitude da concentração do desenvolvimento corresponde à magnitude dos problemas que as aglomerações urbanas impõem aos homens.

A febre de construções residenciais de forma não-planificada, seguindo os interesses da especulação imobiliária, tem também sérias repercussões para a vida humana no que se refere à poluição ambiental.



A concentração do gênero de vida urbana exige uma intensa circulação que obedece a um ritmo regular no tempo e no espaço. Este ritmo é dado principalmente pela ida e volta ao trabalho. Igualmente, os locais de estudo, as atividades culturais e de lazer, as necessidades de suprimento, exigem deslocamentos diários; esses deslocamentos tornam-se cada vez mais

difíceis à medida que a cidade se expande em área, aumentando o tempo gasto dentro da condução e diminuindo a qualidade da vida.

A eliminação progressiva do verde, roubando ao homem o contato com a natureza, a rápida e desordenada expansão urbana, onerando em demasia a instalação de serviços básicos para o atendimento da população, entre outras razões, levaram o Governo Federal à criação das áreas metropolitanas.

Cada área, embora incorporando municípios diversos, constitui uma unidade que necessita o planejamento conjunto de sua estrutura no que se refere à saúde, saneamento, habitação, transporte e lazer.

Esses esforços podem trazer alívio e condições de vida dignas ao homem? Ou, quem sabe, o necessário é planejar a descentralização e dar vez, também, ao crescimento de outras cidades? Será que já estamos correndo o risco da criação de um “admirável mundo novo” que substituirá a cidade, antigo foro da liberdade, por *alphavilles* plenamente aparelhadas através da tecnologia das comunicações de massa?

Ou será que já temos as condições e a capacidade de assumir um projeto mais feliz para a Humanidade?

